

Contar para sobreviver

Dorothée Munyaneza, artista de origem ruandesa, é uma daquelas criadoras que por vezes irrompem com a força de um meteorito na cena contemporânea. As suas propostas artísticas rasgam horizontes e derrubam fronteiras.

Malhas, o trabalho mais recente do seu agrupamento, a Compagnie Kadidi, é um espectáculo desse género. Explica Munyaneza: "Durante muito tempo quis contar a minha história, a história do meu povo. E quanto mais encontrava outros artistas vindos de outros lados, mais ficava curiosa e surpreendida com as suas próprias histórias, que de uma maneira ou de outra estavam ligadas à minha história enquanto ser humano. A partir daí deixei de poder falar de mim sem falar delas. Elas são de Bristol, Porto do Príncipe, Sevilha, Berlim ou Roterdão".

Há um conjunto de sinos que iniciam e fecham *Malhas*, como que a alertar-nos para os obstáculos que as seis mulheres em cena tiveram de enfrentar nas suas vidas. A dada altura alguém entoia: "Onde

está a mão que me levante?". Vieram até nós para nos inebriar com os seus relatos.

Dorothée Munyaneza convocou para o palco mesmo os pequenos detalhes: "As histórias delas agarram-me, por vezes, a partir de uma melodia, uma baga, uma canção, uma jóia, uma foto, uma pétala, uma cor, uma refeição, uma frase, uma gargalhada, um grito. Os contextos determinam-nos, mas a intimidade ultrapassa-nos. Desejo abordar a nossa intimidade através do íntimo". São Penélopes, com pouca paciência, e que não esperam o regresso do amante. Em palco há canto, música, poesia e flamenco, que dão suporte às histórias que lidam com a violência, a exclusão e a opressão, e que se entrelaçam num canto colectivo. Conclui a criadora de *Malhas*: "A resiliência como arma de resistência acompanha-nos e constitui a nossa força, o desejo de celebrá-la, partilhá-la".

A coreógrafa Dorothée Munyaneza nasceu no Ruanda, cresceu em Inglaterra e vive em França.



Munyaneza conversará na Esplanada com o público do Festival na próxima Quarta-feira

Noite de Homenagens

Nas palavras de Rodrigo Francisco, ontem homenageou-se alguém "Bastante próximo da Companhia". Desde 1986, quando cenografou *Menina Júlia* de Strindberg, que a relação da CTA com José Manuel Castanheira (JMC) se aprofundou em vinte e duas criações cenográficas.

Helena Simões, crítica teatral, definiu a obra de JMC como "uma dança silenciosa da intimidade das coisas com o Mundo. Feita de poesia, beleza e audácia".

Fernando Paulouro, jornalista e escritor, com origens na Beira Baixa, como JMC, elogiou a capacidade do arquitecto de "inventar mundos a partir do chão dos pal-

cos e de criar as suas próprias nuvens num fundo de céu azul de luzes e sombras em mares de água e de vidro. Um mundo com gente dentro".

Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada, saudou "o intelectual empenhado, algo raro. Em cada obra, há um passo para olhar o Mundo. Onde nos vemos, nos construímos, nos descobrimos".

O actor Diogo Dória leu um poema inédito de JMC "O tempo que passa sem parar" e José Manuel Castanheira, emocionado, encerrou a sessão lembrando "que o cenógrafo é uma espécie de operário da geografia, que constrói lugares



José M. Castanheira e Ángel Ruiz receberam os Quixotes concebidos por Jorge dos Reis



© Luana Santos

a fingir. O actor finge que o habita e o espectador finge que acredita no que vê. É a magia do teatro, que, é bom não nos esquecermos, começa no silêncio de um palco".

A noite terminou com o regresso festivo ao Festival de *Miguel de Molina a nu*, protagonizado pelo actor Ángel Ruiz: o Espectáculo de Honra de 2022.

Bem-vindos ao Salão de Festas

Quando este ano durante o Festival for à Incrível Almadaense, olhe em redor. O Salão de Festas é o coração de uma das colectividades mais antigas do país. A Sociedade Filarmónica Incrível Almadaense foi fundada a 1 de Outubro de 1848 e, como o nome indica, tinha como objectivo ter na vila de Almada uma banda filarmónica. Até hoje, a música está como sempre no centro das actividades da colectividade. Os primeiros músicos eram entre outros operários especializados, tanoeiros e corticeiros.

O Salão de Festas foi inaugurado no início do século XX, tendo os bailes para toda a família, com bandas ao vivo, marcado de forma indelével a vida social da cidade. Já no final do século passado actuaram e consolidaram a sua carreira neste espaço bandas marcantes do rock e do heavy metal português, como os Xutos & Pontapés, os UHF, os Moonspell ou os Roquívários.

Em 1944 é inaugurado o actual edifício do Cine Incrível, que durante décadas funcionou como cinema, com sessões diárias. Actualmente este espaço acolhe com

regularidade vários projectos musicais da cidade, sendo para muitos agrupamentos o palco onde se estreiam ao vivo. Para além da música existem, entre outras actividades, um grupo cénico com apresentações regulares, aulas de dança e ginástica, e uma sala de convívio, por onde os sócios passam amiúde.

Em reconhecimento do seu trabalho ao serviço da comunidade a Incrível recebeu durante a Presidência de Jorge Sampaio o Grau de Membro Honorário da Ordem da Liberdade.

Jorge Silva na Esplanada

Amanhã o encenador Jorge Silva estará à conversa com a professora e crítica de teatro Eugénia Vasques. A conversa versará sobre o espectáculo *Em casa, no zoo* de Edward Albee. Sobre esta produção a crítica teatral Janine Bailly da Martinica, presente no Festival escreveu: "Esta peça é um microcosmos da sociedade, um momento forte de teatro, com três tremendos intérpretes. Actores e personagens confundem-se, pressentindo o seu fim trágico. Vibrei e tremi".

MEU FESTIVAL

Energia vital

Quando me pediram para escrever algumas linhas sobre um espectáculo do Festival que me tivesse impressionado particularmente, o nome que me veio logo à cabeça foi *As irmãs Macaluso*, com texto e encenação de Emma Dante. Revolvendo as minhas memórias, investidas de inegável carga emocional, recordo, sobretudo, a energia vital do espectáculo: sete irmãs sicilianas que se debatem num mundo hostil de pobreza e violência. Pobreza assumida no palco, praticamente

despojado de cenários e adereços. Violência que habita os corpos das actrizes/personagens e as suas vozes. Mortes recalcadas que insistem em determinar o destino de quem vive. Mas, paradoxalmente, ou talvez não, era aí precisamente que nascia a afirmação de um intenso desejo de viver.

Lembro-me, ainda, da força áspere, telúrica, do dialecto siciliano em que se exprimem as actrizes de *As irmãs Macaluso*. Como se fosse um duelo de espadas ou o escourear de cavalos, também evocados pela voz de um único marionetista nesse outro espectáculo que é um verdadeiro 'emblema' de Palermo: os 'pupi'. | **Maria Antónia Amarante, 74 anos, tradutora**



As irmãs Macaluso no Palco Grande

© Carmine Maringola

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Todas as idades, gostos e países

Na nossa vida, nunca conseguimos saber onde se esconde a sorte nem os lugares onde podemos encontrar a felicidade. Ter vindo este ano, pela primeira vez, ao Festival, foi para mim uma sorte, e parto feliz de ter podido desfrutar do teatro, das exposições, da música, do convívio com os colegas e com a sensação de ter descoberto um verdadeiro tesouro.

O Festival que nasceu um ano antes de mim, vive o seu melhor momento. Com experiência mas

com vontade de continuar a avançar. Em Almada o teatro é uma festa no sentido literal. Gente de todas as idades, gostos, países reúne-se durante quinze dias em redor do Teatro Municipal Joaquim Benite para comer, dançar, conversar e desfrutar de espectáculos que dificilmente podem ser vistos noutro lugar.

Ver teatro com propostas originais e inovadoras frente a uma plateia a transbordar, fez-me suspeitar que durante muitos anos, perdi algo muito importante.

Voltarei ao azul deste teatro, sempre que quiser ter a certeza de ser feliz. Esta foi a primeira das muitas visitas que espero um dia recordar como "Aquele primeiro Julho em Almada". | **Saúl Ribas, jornalista da revista galega Táboas**

É tempo delas

A noite de homenagem de ontem teve um travo adocicado: "As cerejas também quiseram homenagear o Arquitecto José Manuel Castanheira", lia-se nos panfletos afixados no Restaurante. A Câmara Municipal do Fundão brindou o público com uma sobremesa de origem demarcada. Castanheira concebeu o Teatro Municipal que em breve será inaugurado nesta cidade do Norte do País, e o seu gosto pelo fruto que brota como as palavras é notório: em Maio de 2016 publicou *O tempo das cerejas – manual de sobrevivência de um cenógrafo*.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres
José Manuel Castanheira
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio
Jorge Silva
Escola D. António da Costa

18:30 | Teatro
A coragem da minha mãe
Incrível Almadaense

20:30 | Música
Lucibela
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Mailles
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Frango com maça reineta
Caril de lulas com banana

AMANHÃ

Tomates recheados
Choco frito com salada russa

APLICAÇÃO
DO FESTIVAL
DE ALMADA

